

## A SEMENTE QUE VINGOU

A história do Sindicato dos Metalúrgicos contada por Jorge Noman Neto, um dos fundadores e primeiro presidente da entidade

**P**rimero presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga e um dos dirigentes históricos do movimento sindical brasileiro, Jorge Noman Neto, nasceu em Taquaraçu, em 1926, foi fundador do Sindipa e dirigiu a entidade de 1965 a 1973, em três mandatos consecutivos. Do Sindipa assumiu a presidência da Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais, de onde saiu para a Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos e daí para presidência da Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (FITIM), onde permaneceu por 21 anos como vice-presidente para a América Latina e o Caribe.

Jorge Noman Neto sempre foi uma personalidade controversa no meio sindical, mas sua qualidade de orador, capacidade de convencimento e ousadia é admirada até pelos adversários. Cáustico, ele atribui as críticas que recebe ao fato de nunca ter sido “catequizado” e ter se iniciado no movimento a partir de suas próprias idéias e convicções, que continua a defender até hoje. “A esquerda me chamava de burguês. Burguês para eles era o cara que tinha um carro, uma casa própria, que podia educar os filhos. Então, o trabalhador, para ser um instrumento de luta tinha que ser um sofredor, um miserável, um passa-fome. Não era a minha opinião”, sintetiza.

### MASSACRE

Jorge Noman conta que a



*Jorge Noman fez uma carreira meteórica no movimento sindical brasileiro*

fundação do Sindicato dos Metalúrgicos é resultado do massacre de 7 de outubro de 1963. O péssimo tratamento dispensado aos trabalhadores pelas empreiteiras e principalmente pelos vigilantes da Usiminas

“Na minha opinião, o massacre de 7 de outubro só ocorreu porque o Sindicato não foi capaz de ver que estava acontecendo e tentar resolver antes de chegar ao ponto que chegou. O sindicato só entrou depois que a casa estava arrombada e que aconteceram as mortes”

que, segundo ele, “foram recrutados levando em conta a massa muscular e não a encefálica”; foi se agravando na medida em que vários casos de roubo de material começaram a acontecer no interior da usina.

“Desaparecia material que só poderia ser transportado em caminhões”, diz. A constância dos roubos fez com que a vigilância fechasse o cerco e aumentasse a revista aos operários na entrada e saída do serviço, o que acabou gerando a revolta e o descontentamento, que atingiram o ponto máximo no conflito de 7 de outubro de 1963, com a morte de inúmeras pessoas - até hoje o saldo de vítimas é incerto.